

## O SOLDADO JUAN ROMAN

Cesar Augusto de Oliveira CASELLA\*

### ESTRANGEIRO

Cada um tem o sono que lhe toca, Endímion. E o seu sono é infinito de vozes e gritos, e de terra, de céu, de dias. Trate de dormi-lo com coragem, você não possui outro bem. A solidão selvagem é sua. Ame-a como ela o ama. E agora, Endímion, eu o deixo. (...)

[Estrangeiro para Endímion em *A Fera*, um dos *Diálogos com Leucó* de Cesare Pavese]

### CIRCE

O homem mortal, Leucó, só tem isso de imortal. A lembrança que carrega e a lembrança que deixa. Nomes e palavras são isso. Diante da lembrança sorriem também eles, console-se.

[Circe para Leucótea em *As Feiticeiras*, outro dos *Diálogos com Leucó* de Cesare Pavese]

Juan Roman acordou neste dia no mesmo horário em que acordava todo dia, antes do clarear da manhã, sempre antes das cinco horas. Tomou um banho e depois o café, preto e forte, com um pedaço de pão. Penteou o cabelo, vestiu o uniforme e saiu para o posto. No inverno o frio era mais intenso, as montanhas ao redor ficavam cobertas de neve, o vento gélido da altitude incomodava, os lábios rachavam, as orelhas ardiam com o ar frio e ensurdeciam com o contínuo do vento. Entre dezembro e fevereiro, porém, gostava de acordar ainda mais cedo do que o habitual, para poder caminhar pelo planalto antes do nascer do sol, em uma longa trajetória pelo extenso terreno onde estavam construídas a caserna e o posto de guarda. No verão só havia neve nos picos e o sol nascia intenso, completando com perfeição o céu azulado e o amarronzado da terra. O exercício parecia-lhe adensar o vigor físico.

Servia na *Gendarmería de Paso de Jama*, na divisa entre a Argentina e o Chile, nos altiplanos andinos. Na *Puna*. Nunca fazia o trabalho burocrático, coisas como carimbar os passaportes ou escrever os *permisos*. Estava sempre de guarda, patrulhando, sempre em movimento. Gostava das rondas. Gostava de seguir de jipe pela estrada, tomar os atalhos para os cumes de observação,

---

\* Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Organizou a antologia de poemas de humor intitulada *Quando o Riso Rima com o Siso* (Publit, 2008). É professor assistente na Universidade Federal do Acre (UFAC). E-mail: cesarcasella@bol.com.br

gostava de estar em contato com o ar gelado e seco quando era inverno ou com o calor e o brilho do sol quando era verão.

Juan Roman nasceu e sempre viveu em *Campo Quijano*, um dos pequenos povoados do altiplano argentino, uma tradicional localidade do *Valle de Lerma* conhecida, com alguma pompa, como o *Portal de los Andes*, e que fica nas imediações da *Quebrada del Toro*, o cânion majestoso que rasga a *Puna Salteña* e que assombra os viajantes com suas paredes quase perpendiculares, com sua imensa mandíbula geográfica que acompanha os forasteiros por todo o trajeto de subida ou descida dos montes andinos. Passou a infância em meio a *Quebrada*, onde acampava e seguia as trilhas incontáveis e imemoriais, as trilhas que desde anos nunca conhecidos já serviam aos mesmos préstimos, que levavam tanto às baixadas marcadas pela presença de algumas árvores quanto aos topos repletos de arbustos e cactos da garganta, entre *Santa Rosa de Tastil*, um vilarejo de raízes pré-incaicas, cheio de ruínas de pedra e de ruas estreitas e sinuosas, ruas que pareciam teimar em rumar ao encontro de paredes, onde morava sua avó materna e entre o povoado de *Susques*, outra diminuta localidade, de onde provinha o seu pai.

Uma só vez foi até *Salta*, a mais importante cidade nas redondezas. A única com muitas ruas e uma praça e um comércio estabelecido e um terminal de ônibus. Lembrava-se pouco da cidade, passaram-se quase dez anos. Lembrava-se de que teve medo do movimento intenso, da praça cheia de gente, dos estranhos que o olhavam, das pessoas que andavam sem parar, do ir e vir. Um medo desconhecido, diferente daquele que tinha das serpentes ou dos lince. Um medo sem fundo, não o da mordida ou o do veneno. Um medo sem volta. Lembrava-se também dos pedintes, de pessoas pedindo esmolas na grande praça, perto da basílica, em meio a revoada de pombos levantada pelas outras pessoas que apressadamente caminhavam na praça. Esses eram os únicos que não se moviam continuamente, tinham os olhos baixos, os cabelos sujos, semblantes repletos de desânimo. Lembrava-se do rumor da revoada. Um som de abandono, de fuga. De uma só coisa gostava realmente de lembrar, e por vezes o fazia, fixando de novo a imagem em seu pensamento. Gostava de lembrar do bronze retinto da estátua ao sol, do cavalo altivo, do homem montado de braço estendido, da figura imponente e marcial formada pelo conjunto, da imagem cingida de homem e cavalo. Impressionara-se pela, por assim dizer, naturalidade desta simbiose. Gostava de lembrar-se do Monumento ao General Güemes.

A estátua do General Güemes montado sobre o cavalo, o conjunto em tal comunhão, poderia parecer a imagem de um centauro imenso, um Quíron dos Andes. Poderia, se Juan Roman conhecesse os centauros. Não os conhecia. Juan Roman não conhecia nenhum dos mitos gregos. Só conhecia o que tinha visto. Também não conhecia os gregos, nenhum grego. Conhecia muitos argentinos, os chilenos, os brasileiros e os bolivianos. Alguns peruanos. Conhecia a sua

fronteira e os homens que por lá passavam. Os outros, todos os outros, eram para ele somente os estrangeiros.

Por vezes, quando fixava o pensamento na estátua, imaginava-se como um dos gaúchos de Güemes, um soldado da liberdade, sem uniforme, trajando as roupas mestiças, lutando pela libertação da pátria, cavalgando fogosos equinos, usando a chiripá, usando o poncho como proteção para todas as horas, para o frio, para a chuva, para o sono, sentindo-se parte do ambiente. De novo a simbiose, o conjunto. O traje gaúcho como uma segunda pele para o soldado, uma armadura natural. Ouvira muito as histórias do General, guardara-as. Pensava no quanto seria heróico lutar pela liberdade.

Gostaria de mergulhar na eterna luta pela fronteira.

Chegou ao posto ainda sem a luz do dia. A alfândega em *Paso de Jama* nada mais era que uns quatro cômodos com grossas paredes de pedra. Passavam ali os viajantes que vinham do Atacama ou iam para lá. Os ônibus de linha trafegavam três vezes por semana. Algumas vezes havia uns automóveis, mas, na maior parte, o tráfego era constituído de caminhonetes, furgões e caminhões. Transportavam mercadorias. Frutas, carne, caixotes de madeira, bebidas, caixas de papelão. Juan não se atinha ao movimento da alfândega. Chegava ao posto, recebia as instruções de seu superior e partia. Neste dia, como em quase todos os outros dias de serviço, cabia-lhe fazer a patrulha motorizada.

Pegou as chaves do jipe, dirigiu-se ao veículo e saiu pela rota norte.

O dia começou e a paisagem, plena de força, apareceu. As distâncias pareciam estar a frente apenas para serem atravessadas, as montanhas ao redor existiam apenas para serem escaladas, o frio para deixar o sangue quente nas veias. O surgir do sol, um sol refulgente e de uma luz radiosa, deu ao derredor o seu aspecto singular, o de alguma coisa ainda intocada pelo passar dos dias, o aspecto das coisas inamovíveis e atemporais, a imagem fixada de um vivo crepúsculo de manhã perene. Por um instante, tudo é uma tensa abstinência de memórias. O sol ilumina uma paisagem em que se pode entrever a possibilidade do homem viver como a lebre, como o cão, ou a ave, como a serpente ou o lince, como se fosse possível viver apenas dia por dia, cada dia isoladamente.

O soldado rodou os quilômetros de praxe, durante quatro ou cinco horas, com as paradas de praxe. Depois estacionou o jipe no acostamento, em uma parte da estrada próxima ao descampado maior, que fica à leste, a cerca de um quilometro do pequeno núcleo de casas dos moradores, das únicas pessoas civis que moram por ali e que mantêm uma ou duas vendas e uma oficina mecânica nas proximidades da *Gendarmería*. Os moradores mantêm também duas ou três hortas e um mínimo gado de corte. Dentro mesmo do jipe almoçou a sua marmita, fria. Cochilou

um pouco. Logo levantou, molhou o rosto e bebeu um pouco da água do cantil. Enfim saiu para andar pelo descampado.

Nas horas de folga, ou melhor, nas horas preguiçosas do serviço, logo depois do almoço ou um pouco antes de voltar ao posto no entardecer, Juan Roman gostava de usar o seu rifle para atirar nos muitos cães abandonados, cães sarnentos e despelados, cães de olhos purulentos e bocas secas, que vagavam nos arredores dos casebres civis. Estes animais, durante a noite, formavam pequenas alcatéias de quase assombrações, movendo-se vagorosamente pelo altiplano e, invariavelmente, se aproximando da *Gendarmería* e da caserna, levando o seu uivo lamentoso e incansável, um canto de aflição eterna.

Servia como treino de tiro, dizia.

Enquanto mirava em um pequeno cão de pêlos encaracolados que mancava, um cachorro peludo, de um branco encardido, quase uma pequena ovelha mendigante, pensou, percebeu que um menino se aproximava. Era Diego. O cãozinho furibundo fuçava perto de uma pedra grande, procurando comida, provavelmente. Diego trazia uma garrafa térmica, com café, acenou com a mão livre e falou: Minha mãe mandou para você. Ela está bem? Juan perguntou. Diego acedeu com a cabeça.

Juan colocou o rifle no chão, abriu a garrafa e se serviu. Passou a mão sobre a cabeça de Diego, acariciando-lhe os fartos cabelos negros. E você, está bem? Perguntou. O menino sorriu e moveu a cabeça afirmativamente mais uma vez.

Sentou-se na relva, com o café entre as mãos. O menino sentou ao seu lado. Juan sorriu para ele e disse: Vê aquela nuvem, não se parece com uma ovelha?

Diego olhou fixamente para a nuvem durante alguns segundos mas não respondeu nada. Deitou-se na grama e colocou um pequeno talo de mato na boca, mastigou-o. Juan terminou o café e deitou ao seu lado.

Ficaram em silêncio por dois ou três minutos, olhavam o céu. Um céu de nuvens nítidas, um céu de azul forte e sol. Será que as nuvens conversam? O menino perguntou. Entre si? Juan lhe devolveu. Depois completou: Ou com os homens?

Com os homens... O menino continuou após um breve instante.

E o que haveriam de nos dizer? Que existe uma mão mais forte que a nossa... que o destino do homem não pertence ao próprio homem porque estamos longe das coisas da terra, separados das coisas da terra... que é o vento que nos leva e levará... que estamos presos às palavras, subjugados por esta invisível realidade que nos toma os dias e as noites... Juan parou, respirou e retomou a fala. Não, nada... Enfim, as nuvens não dizem nada, não falam, as nuvens não conversam, as nuvens apenas servem para fazer sombra ao sol...

Levantou-se. Diego também levantou. Limpou, nos braços e nas costas do uniforme, as folhagens presas. O menino não se moveu, olhando-o. Passou a mão sobre os negros cabelos dele, mais uma vez, e deu-lhe um tapa suave na nuca. Disse-lhe: Vai e diga para sua mãe que chego no mesmo horário...

Diego saiu correndo em direção à vila.

Esperou algum tempo, olhando a corrida do menino, e só então pegou a arma no chão, ajeitou-a sobre o ombro, encaminhou-se para o acostamento, para o jipe. Pensava na terra, nesta sua terra, na *Puna*. Ao mesmo tempo pensava em toda a grande extensão da meseta e no pequeno pedaço de terreno que gostaria de comprar, na paisagem que via nas rondas e na vista que teria da sua janela, da vista que sempre veria.

Basta uma colina, um cimo, um cerro, pensou. Basta a montanha, a presença da montanha, o vento gélido da montanha. Das altas montanhas ao redor, da neve permanente. Um lugar solitário que permita ao olhar se deter no céu. Este é o início, pensou.

Voltou ao posto para entregar o jipe.

No trajeto de volta não pensou mais nas montanhas. Quando chegou à alfândega, viu que um ônibus estava parado. Talvez atrasado. Acontecia. Os viajantes haviam descido e faziam uma fila na porta do posto. O dia não havia ainda acabado, havia sol mas já ventava muito. Os viajantes estavam todos agasalhados, bem agasalhados. Alguns já tinham passado pelos procedimentos de fronteira, pelos vistos e carimbos, e se dirigiam de volta para o ônibus, de certo fugindo do ar que esfriou.

Foi então que Juan Roman a percebeu.

Sempre que está por ali, e há algum ônibus parado, repara nas mulheres que passam pela alfândega, um hábito. Desta feita, porém, de imediato entendeu que estava – esteve – diante de uma beleza nunca vista. Foi só um átimo, uma visão, seguida de uma pressão no peito que nunca havia sentido. Como uma súbita falta de ar nos pulmões. Juan Roman só a viu de relance, mas foi com a clareza de um olhar que não possui o tédio, de um olhar primal. Um olhar que necessita de uma única aceção, justa e íntegra, para ser designado: Estupefação.

Estupefação. O olhar de um passante qualquer, o olhar do forasteiro, do estrangeiro. O olhar que prescindiu do peso das outras palavras, que sopra o excesso, que atém-se ao necessário. Por um átimo o tempo se detém. E então, a coisa banal, a repetição da vida, o comum, é possível senti-las transformadas, no peito, como se o antes e o depois não existissem mais. É o instante mesmo em que uma nuvem muda de formato e não se parece mais com a nuvem que se via, e não se parece mais com as outras nuvens vistas em todos os outros dias.

Ela não o percebeu, não percebeu a sua estupefação. Entrou no ônibus, um ônibus que ia para o Chile. Subiu as escadas, sem pressa ou sem vagar, e sumiu no corredor. Como todos os outros passageiros que vinham depois dela. Como todos os outros passageiros fizeram antes dela. Como todos os outros passageiros deste dia fizeram e como fazem os de todos os outros dias.

Juan Roman olhou para o céu, para a linha alta das montanhas e viu que intensas nuvens negras de tempestade avolumavam-se na cordilheira.

#### HESÍODO

(...) Mas a vida do homem se desenvolve mais adiante, entre as casas, nos campos. Diante do fogo e num leito. E cada dia que desponta o coloca diante da mesma fadiga e das mesmas faltas. É um tédio no final, Mélite. Há uma borrasca que renova os campos – nem a morte nem as grandes dores desencorajam. Mas o cansaço interminável, o esforço para nos mantermos vivos de hora em hora, a notícia do mal dos outros, do mal mesquinho, aborrecido como moscas no verão – isto é o viver que serra as pernas, Mélite.

[Hesíodo para Mnemósine em *As Musas*, mais um dos *Diálogos com Leucó* de Cesare Pavese]